

Resenha

CARONE, Modesto. *Lição de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

UMA CHAVE PARA AS SALAS DESCONHECIDAS DO NOSSO PRÓPRIO CASTELO¹

Juciane Cavaleiro (Professora Adjunta, UEA)

jucianecavaleiro@gmail.com

Modesto Carone, já consagrado tradutor das obras de Kafka para o português há 25 anos, reúne 14 ensaios em *Lição de Kafka*. Diante dos inúmeros trabalhos realizados sobre as obras de Kafka (no início da década de 1980, havia mais de 10 mil títulos²), inquieta-nos ver nas estantes mais um livro sobre o mestre tcheco. Como estudiosa de Kafka, já admiradora do trabalho de Carone como tradutor, a reunião de ensaios, conferências, textos inéditos surpreende do início ao fim. Isso se deve a um duplo motivo: Kafka, pelo brilhantismo, pela instabilidade semântica³, tal como definida por Costa Lima (2000); Carone, pelo conhecimento aprofundado e apurado da obra de Kafka.

Carone, além de explicitar o ofício que o consagrou, tradutor das obras de Kafka para o Brasil, (nos ensaios “Alguns comentários pessoais sobre a tradução literária” e “Salvador e Praga: duas intervenções” – segunda parte), faz análises macros da peculiaridade do escritor tcheco (nos ensaios “O realismo de Franz Kafka”, “Kafka e o processo verbal”, “Nas garras de Praga”, “A celebridade de Kafka” e “Salvador e Praga: duas intervenções” – primeira parte) e análises pontuais de contos, parábolas e novelas

(“O cavaleiro do balde”, “O parasita da família”, “A construção de Kafka”, “Anotações breves sobre um conto curto”, “*O veredicto*”, “A próxima aldeia” e “A parábola ‘Diante da lei’”), se é que ainda podemos relativizar os textos de Kafka dentro desses gêneros específicos. Além de inserir posfácios dos principais romances de Kafka (*O Castelo* e *O Processo*).

Nos ensaios dedicados ao ofício de traduzir, especificamente as obras de Kafka, Carone mostra-se, em primeiro lugar, um grande admirador da ficção kafkiana, relata-nos o encontro travado com o primeiro texto de Kafka em alemão, no período em que realizava a sua segunda faculdade, Letras Anglo-Germânicas na USP. Passados alguns anos, aceita o projeto de traduzir as obras de Kafka, trabalho iniciado no início da década de 1980, totalizando atualmente nove volumes. Esclarece que, no caso específico da ficção kafkiana, o tradutor não pode desconsiderar “o teor da sua linguagem de protocolo, incumbida no original de registrar, com a maior semcerimônia, os acontecimentos mais insólitos”, caso contrário Kafka poderá ser transformado (ou *metamorfoseado*) num escritor que ele não é, nem pretendeu ser.

Em “Três momentos relevantes da recepção de Kafka no Brasil”, começa a destacar o introdutor de Kafka em nosso país, Otto Maria Carpeaux, que publica, em 1942, o ensaio “Franz Kafka e o mundo invisível”, presente em *A cinza do purgatório*. A interpretação de Carpeaux, centrada em uma teologia da crise, segue a mesma linha do amigo e testamenteiro de Kafka, Max Brod. Essa abordagem místico-religiosa, que teve influência não apenas aqui no Brasil, foi durante muito tempo a que mais vigorou. Para Carone, “a consequência dessa partilha crítica é ver Kafka não como hoje, na família de Flaubert e Kleist, que o próprio Kafka considerava seus “parentes consaguíneos” (*Blutsverwandte*), mas “no meio de duas grandes correntes dos nossos

tempos: uma na França – os novos estudos pascalinos que examinam o problema da graça – e outra na Alemanha – a ‘teologia dialética’ que gira em torno da incomensurabilidade entre Deus e o mundo”. O segundo momento, destacado por Carone, da recepção de Kafka no Brasil ocorre em 1952, a partir do estudo realizado por Sérgio Buarque de Holanda. A análise do historiador centra-se em dois momentos: enquanto o primeiro volta-se a um resgate das críticas sobre o escritor tcheco, o segundo, decorrente do primeiro, sustenta-se na omissão, presente na maioria das críticas analisadas, do texto-base. No final da década de 1960, parece que Anatol Rosenfeld, o terceiro momento elucidado por Carone, segue o conselho de Buarque de Holanda ao focar a sua abordagem na materialidade textual. Basicamente, a análise de Rosenfeld centra-se “dentro da obra” ficcional de Kafka, sobretudo em categorias literárias. Carone destaca o pioneirismo do crítico em qualificar Kafka como um escritor realista: “Kafka descreve a realidade, a nossa realidade, mas com o olhar de quem estivesse despertando”.

Em “A celebridade de Kafka”, Carone aponta a hipertrofia que o adjetivo *kafkiano* tem sofrido, dando margem a uma leitura que descaracteriza o realismo de suas obras, tal como analisado em “O realismo de Franz Kafka”. Ao associar as obras de Kafka ao realismo, Carone não as compreende de modo convencional – aquele praticado no século XIX, cujo narrador tem um saber absoluto –, mas de figurarem em um novo realismo, aquele que pudesse dar conta da realidade vivida por ele. Para abarcar esse novo cenário (obscuro, insolúvel), Kafka cria um narrador insciente, aquele que não sabe, ou melhor, aquele que sabe tanto quanto o próprio leitor. É nesse sentido que é kafkiana não a situação estranha, inusual, impenetrável e absurda, mas sim àquela que faz com que o indivíduo sinta-se impotente ante as situações cotidianas, a ponto de

perder a sua subjetividade. O que intensifica a atmosfera kafkiana é o descompasso entre a trama do poder e a visão ou falta de visão geral das personagens (a qual se encontra no mesmo nível do leitor e do narrador), transformando, assim, os seus esforços em iniciativas inúteis.

Outro fator peculiar à ficção produzida por Kafka apontado por Carone é a linguagem direta e sóbria, a qual ostenta o corte sintático de uma dicção clássica, alheia ao subjetivismo e às marcas da tradição. É a unicidade da palavra que Kafka busca, como ele próprio registra em seus *Diários*: “Meu corpo inteiro me adverte diante de cada palavra; cada palavra, antes de se deixar escrever por mim, olha primeiro para todos os lados”. Como observa Carone, a única coisa transparente em Kafka é a linguagem, porém ela só dá acesso a um universo fraturado e sem certezas, é por isso mesmo que o narrador kafkiano é impessoal, referindo-se à personagem por meio do pronome *ele*. Entretanto, o narrador *fala* pela personagem, na medida em que narra apenas aquilo que a personagem sabe: *nada ou quase nada*.

A *Construção*, um dos mais belos e instigantes textos de Kafka, escrito em 1923 (um ano antes de sua morte), é considerado por Carone como o verdadeiro testamento do escritor e de toda uma geração. Trata-se de uma novela que se sustenta num monólogo interior, cujo narrador-personagem é um animal que fala em linguagem humana acerca de suas tentativas de garantir a própria sobrevivência em paz e solidão. Mais uma vez o que prevalece na ficção kafkiana é objetivar a condição desumanizada do mundo por intermédio de um animal, a qual é aceita naturalmente pelo leitor. Caso a personagem fosse um *homem*, observa Carone, ela seria entendida como portadora de uma neurose compulsiva, enfraquecendo, assim, o poder de estranhamento do texto. Tal como já verificado por Benjamim: “Não é possível exprimir melhor, utilizando imagem,

a desumanização e o caráter solitário do indivíduo contemporâneo”. E nisso, Kafka foi um grande conhecedor. Legou-nos livros que são como *uma chave para as salas desconhecidas do nosso próprio castelo*.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARONE, Modesto. *Lição de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JANOUGH, Gustav. *Conversas com Kafka*. Osasco, SP: Novo século, 2008.

KAFKA, Franz. *Diários*. São Paulo: Exposição do livro, 1964.

¹ Kafka, ao se referir a alguns livros.

² Hoje, ao digitarmos o nome de Kafka no Google, aparecerão cerca de 9.000.000 entradas.

³ Entendida como a impossibilidade de um resultado unívoco. Ela “significa que o texto já não se deixa entender como explicação de um estado prévio de coisas ou de uma teorização prévia que ela ilustraria. Sem que se isente do mundo, o texto literário não se explica pelo mundo ou por uma teoria sobre o mundo”. (COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 372).